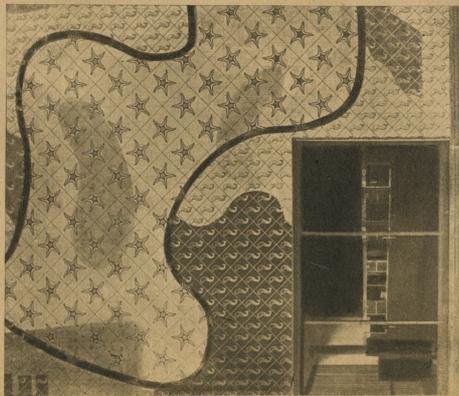
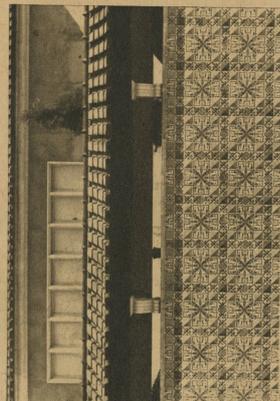


OS AZULEJOS PORTUGUESES E A ARQUITECTURA MODERNA



Partes dos azulejos que decoram a entrada principal do Ministério da Saúde, no Rio de Janeiro, executados segundo projecto de Cândido Portinari, por sugestão do grande arquitecto de Corbúser.

Na decoração do Instituto de Belas-Artes, em Lisboa, projectada pelos arquitectos Victor Palla e Bento d'Almeida, foram largamente utilizados os azulejos de padrões modernos.



Panel de azulejos relevados, concebido por Jorge Barradas para decorar uma casa do Bairro Residencial da Encosta da Ajuda, em Lisboa, projecto do arquitecto Imádrío Golbino.

UM artigo publicado em Outubro no jornal «Luz» recomendava a leitura dos seus leitores para a enorme importância que os azulejos portugueses representam para a arte e para a cultura de um povo. Não era desabado, portanto, chamar a atenção do público para as possibilidades estéticas que esse elemento decorativo oferece aos nossos arquitectos. Era, sobretudo, uma oportunidade de se fazer conhecer o grande instrumento e aprofundar o conhecimento da sua história e do seu uso actual. O III Congresso Nacional de Artes e Ofícios, importante reunião que se realizou em Lisboa em 1938, trouxe à luz pública o problema dos azulejos e a sua actual situação. Não era desabado, portanto, chamar a atenção do público para as possibilidades estéticas que esse elemento decorativo oferece aos nossos arquitectos. Era, sobretudo, uma oportunidade de se fazer conhecer o grande instrumento e aprofundar o conhecimento da sua história e do seu uso actual. O III Congresso Nacional de Artes e Ofícios, importante reunião que se realizou em Lisboa em 1938, trouxe à luz pública o problema dos azulejos e a sua actual situação.

Um facto surpreendente bastante quando visitou a Exposição Internacional de Arte e Arquitectura em Lisboa, em 1938, foi a ausência de qualquer fotografia — pelo menos em quantidade apreciável — de azulejos portugueses modernos. O facto, porém, não nos surpreendeu, pois sabemos que os azulejos portugueses modernos são, em geral, desconhecidos e pouco conhecidos. O facto, porém, não nos surpreendeu, pois sabemos que os azulejos portugueses modernos são, em geral, desconhecidos e pouco conhecidos.

Panel de azulejos, de autoria de Júlio Pomar, existente no Pavilhão de Ciba, do Lago do Campo Grande, em Lisboa.

adaptar-se a uma estética moderna, pois, iniciando os tipos e padrões, antigos e modernos, e adaptando-os às necessidades da nova estética, os azulejos portugueses modernos podem desempenhar um papel importante na decoração das modernas construções. É, sobretudo, uma oportunidade de se fazer conhecer o grande instrumento e aprofundar o conhecimento da sua história e do seu uso actual. O III Congresso Nacional de Artes e Ofícios, importante reunião que se realizou em Lisboa em 1938, trouxe à luz pública o problema dos azulejos e a sua actual situação.

Quando a documentação referente ao azulejo português moderno é escassa, é necessário recorrer a fontes secundárias, como a obra de João de Deus, «Azulejo Português», e a obra de João de Deus, «Azulejo Português».

portuguesa e incontestável valor que possuem os azulejos portugueses modernos, pois, iniciando os tipos e padrões, antigos e modernos, e adaptando-os às necessidades da nova estética, os azulejos portugueses modernos podem desempenhar um papel importante na decoração das modernas construções. É, sobretudo, uma oportunidade de se fazer conhecer o grande instrumento e aprofundar o conhecimento da sua história e do seu uso actual. O III Congresso Nacional de Artes e Ofícios, importante reunião que se realizou em Lisboa em 1938, trouxe à luz pública o problema dos azulejos e a sua actual situação.

Um facto surpreendente bastante quando visitou a Exposição Internacional de Arte e Arquitectura em Lisboa, em 1938, foi a ausência de qualquer fotografia — pelo menos em quantidade apreciável — de azulejos portugueses modernos. O facto, porém, não nos surpreendeu, pois sabemos que os azulejos portugueses modernos são, em geral, desconhecidos e pouco conhecidos.

Um facto surpreendente bastante quando visitou a Exposição Internacional de Arte e Arquitectura em Lisboa, em 1938, foi a ausência de qualquer fotografia — pelo menos em quantidade apreciável — de azulejos portugueses modernos. O facto, porém, não nos surpreendeu, pois sabemos que os azulejos portugueses modernos são, em geral, desconhecidos e pouco conhecidos.



Aspecto da fachada do edifício do Ministério da Saúde do Brasil.



Uma moradia do Bairro Residencial da Ajuda, projecto dos arquitectos Victor Palla e Bento d'Almeida, onde os azulejos desempenham uma importante função decorativa.

Um facto surpreendente bastante quando visitou a Exposição Internacional de Arte e Arquitectura em Lisboa, em 1938, foi a ausência de qualquer fotografia — pelo menos em quantidade apreciável — de azulejos portugueses modernos. O facto, porém, não nos surpreendeu, pois sabemos que os azulejos portugueses modernos são, em geral, desconhecidos e pouco conhecidos.

Um facto surpreendente bastante quando visitou a Exposição Internacional de Arte e Arquitectura em Lisboa, em 1938, foi a ausência de qualquer fotografia — pelo menos em quantidade apreciável — de azulejos portugueses modernos. O facto, porém, não nos surpreendeu, pois sabemos que os azulejos portugueses modernos são, em geral, desconhecidos e pouco conhecidos.

(Continua no próximo nº.)

Atenção!

NO PRÓXIMO NÚMERO DE
PORTUGAL ILUSTRADO

EM EXCLUSIVO RIGOROSO O 1.º ARTIGO
DE UMA SÉRIE SENSACIONAL

Hitler dormia quando começou a invasão da Europa

ESCRITOS PELO
CAPITÃO LIDELL HART
SECRETÁRIO DE HITLER

NOVAS E RETUMBANTES REVELAÇÕES!

MORTE DE UM IMPÉRIO

(Continuação da página 37)

resolveu não cair vivo nas mãos do inimigo, e foi esporeando o cavalo para o meio do grosso da batalha. Toda a esperança de resistência tinha morrido e os defensores sobreviventes dispersaram e fugiram para o interior da cidade.

Passou-se algum tempo antes que a notícia da catástrofe chegasse ao centro da capital, mas, quando as novas chegaram aos ouvidos da população, esta, tomada de pânico, fugiu das suas casas e dirigiu-se em massa para procurar abrigo dentro de Santa Sofia, cujas grandes portas de bronze foram imediatamente fechadas com barras por dentro.

Muitos deles acreditaram freneticamente numa velha superstição, em que os inficéis, tendo avançado até à coluna de Constantino, fora da Catedral, seriam detidos por um anjo de espada desembainhada que os conduziria para os confins da Ásia.

Mais tarde os Turcos, tendo arrombado as portas, romperam em Santa Sofia para encontrar os Cristãos, sem protecção e aterrorizados, à sua mercê. Inúmeras famílias foram separadas violentamente — pais separados de filhos, maridos de mulheres — e os brutos vitoriosos avidamente seleccionaram os seus prisioneiros que foram conduzidos pelas ruas como animais. Cerca de 60.000 dos desgraçados Bizantinos foram deportados para as províncias Otomanas e vendidos como escravos por toda a vida.

Mohammed deu ao seu exército li-

cença de saquear a capital conquistada. Na orgia da pillagem que se seguiu, igrejas, palácios e mansões, tesouros, armazéns e empórios foram deixados vazios. Entre as preciosas coisas que foram perdidas para sempre encontram-se as bibliotecas Bizantinas, que continham grande número de inestimáveis manuscritos clássicos.

Ao princípio da tarde daquele dia fatal, Mohammed fez a sua entrada triunfal em Constantinopla. Quando passeava pelo Hipódromo a sua atenção foi atraída para a Coluna da Serpente que datava da vitória dos Gregos sobre os Persas na batalha de Plateia em 40 A. C. e tinha sido trazida de Delphos para Constantinopla pelo fundador da cidade, Constantino, o Grande.

Num arremesso de exaltação selvagem o conquistador muçulmano derubou, com o seu machado de guerra, uma das três cabeças da serpente de bronze. A coluna mutilada ainda se ergue em Atmeidan, ou Hipódromo.

Desmontando do seu cavalo, Mohammed entrou então em Santa Sofia e ordenou que fosse convertida em mesquita. Quando mirava o abandonado palácio imperial, cerca dali, notou um verso de Firdusi, o poeta persa: «A aranha tecu a sua teia na casa do rei e o mocho cantou a sua canção de sentinela nas torres do «Afrasiab».

No entanto o seu triunfo não foi completado até que teve conhecimento do destino do Imperador vencido. Após uma busca minuciosa, o corpo

Os Azulejos Portugueses e a Arquitectura Moderna

(Continuação da página 35)

correspondem, na verdade, às suas reais possibilidades decorativas, se excluirmos, é claro, aquelas que têm levado a confundir este processo de revestimento cerâmico com a Pintura Mural, duas modalidades bem diferenciadas, nunca é demais acentuá-lo. Assim, a fachada dum prédio de rendimento recentemente construído em Lisboa, na Rua do Salitre, projecto do architecto Pardal Monteiro, apresenta-se decorada com um revestimento de azulejos, concebido pelo artista Almada Negreiros: trata-se duma composição muito simples, de sóbrio efeito decorativo, uma das primeiras modernamente concebidas para tal fim, segundo me parece. Isto mostra que os construtores deixaram de obedecer ao preconceito absurdo contrário ao uso dos azulejos no revestimento exterior dos edificios construídos na capital. Se, por um lado, ele era justificado pelo rebaixamento do nível artístico atingido pelos padrões dos azulejos aplicados nos prédios de Lisboa, durante as primeiras décadas do século XX — o que tanto contribuiu para acentuar a sua mediocridade architectónica —, por outro lado era incompreensível num país onde o uso dos azulejos se tornou tradicional. E preferível evitar o abastardamento dos seus padrões a fugir à sua aplicação. Almada Negreiros também é o autor dos belos painéis cerâmicos que decoram as varandas duma moradia acabada de construir no Bairro Residencial da Ajuda, em Lisboa, projecto do architecto António Varela; neles evidencia-se, mais uma vez, o seu excepcional talento de desenhador.

O factor económico pode influir bastante na vulgarização deste processo de revestimento, pois só quando o preço do fabrico dos respectivos azulejos se tornar razoável será possível applicá-lo em larga escala. Com este objectivo têm realizado curiosas experiências os architectos Victor Palla (também ceramista de merecimento) e Bento d'Almeida, assim como Francisco Keil do Amaral, de colaboração com Maria Keil. Para isso conceberam modelos fáceis de reproduzir indefinidamente, padrões simples e modernos, em geral, de desenho abstracto, com a associação dos quais é possível obter diferentes composições decorativas. Harmoniosamente integradas nas paredes exteriores ou interiores dos edificios modernos, elas vêm concorrer para quebrar a sua monotonia, por vezes excessiva, tornando-as menos frias, enriquecendo-as com manchas de cor, de alicante efeito. Durante o século XVII assim procederam os nossos ceramistas, criando uma infinidade de padrões, de composição abstracta e rica policromia, que tanto concorreram para valorizar artisticamente o interior das igrejas seiscentistas. Mais tarde, quando a «Real Fábrica do Rato», para atender às urgentes necessidades do consumo — impuistas em parte pela intensa actividade — construtiva — consequente ao terrível Terremoto de 1755 — foi obrigada a produzir azulejos em grande quantidade, um facto semelhante aconteceu. Acerca dele escreveu o architecto Pardal Monteiro o seguinte período bem elucidativo: «o próprio ceramista até então habituado às composições preciosas e ricas

de desenho, características daquele período final do Barroco, passou a compor tipos extensivos de decoração de azulejo, pela concepção do motivo isolado em que cada azulejo comporta um motivo completo, única solução susceptível de conciliação com o programa. Cada motivo pode empregar-se um número infinito de vezes. Uma simples recadatura o irá limitar. Quer dizer, até para a peça útil de carácter decorativo se criava o espírito de padrão.» O mesmo processo applicou-se no fabrico doutros materiais indispensáveis ao acabamento urgente dos edificios reconstruídos, antecedendo-se assim, cerca de dois séculos, os processos hoje geralmente adoptados nos países mais progressivos. Para o curioso facto chamou a atenção dos delegados estrangeiros o Prof. Architecto Carlos Ramos, no discurso pronunciado na sessão de abertura do Congresso de 1953.

Hoje, mais uma vez, de estreita colaboração entre architectos e ceramistas portugueses podem resultar apreciáveis benefícios para a azulejaria e, como consequência, o ressurgimento duma industria artistica que se encontrava em franca decadência. Entre as obras mais recentes resultantes dessa cooperação podemos citar um «conjunto» constituído por azulejos relevados, de desenho geométrico e discreta policromia, original de Jorge Barradas, integrado numa moradia de Lisboa, projectada pelo architecto Janeiro Godinho, e os revestimentos cerâmicos policromos, de carácter figurado, que estão a ser executados, segundo projecto do artista Manuel Ribeiro de Pavia — desenhador e illustrador bem conhecido —, para uns blocos residenciais actualmente em construção na provincia de Angola, projectados pelos architectos Castro Rodrigues e João Simões.

Já na visita feita à Exposição de Arquitectura Brasileira Contemporânea foi possível verificar que o problema da integração dos azulejos na Arquitectura Moderna preocupa há bastante mais tempo os técnicos e artistas daquele país. Não só no texto de apresentação, publicado no respectivo Catálogo, se fala claramente «no ressurgimento, com expressão moderna, das velhas artes esquecidas do azulejo e do mosaico», como algumas das próprias fotografias ali apresentadas nos dão uma ideia dos resultados obtidos nesse domínio. Lá figurava uma do tão discutido edificio da igreja da Pampulha, construída em 1943 pelo architecto Óscar Niemeyer, onde se vêem os formosos azulejos criados por Cândido Portinari para revestimento das suas paredes exteriores, exemplo concreto das largas possibilidades decorativas oferecidas ainda hoje por este material quando um grande artista as sabe aproveitar. Lá figuravam outras, também, onde se podiam apreciar composições decorativas dos artistas Roberto Burle Marx, Anísio Medeiros e Paulo Werneck (painéis de azulejos e mosaicos cerâmicos), reveladoras da perfeita compreensão que se está a ter naquele país das importantes funções que a Cerâmica Decorativa de Revestimento pode desempenhar na valorização estética dos edificios modernos, sem se desvirtuarem as suas brilhantes tradições artisticas.

Tem interesse constatar que o ressurgimento da Arte do Azulejo no Brasil deve-se ao incitamento e larga visão de um dos maiores architectos da actualidade — Le Corbusier. Durante a sua permanência nesse país, ele entreviu, com a saciedade habitual, as extraordinárias possibilidades oferecidas por este elemento decorativo e desde logo propôs a sua aplicação no projectado edificio do Ministério da Saúde, a construir no Rio de Janeiro. Isto passou-se em 1936. Foi Portinari — também um dos maiores artistas da actualidade — o autor dos projectos desses revestimentos cerâmicos. Mas, facto digno de registo, revelador da rara intuição deste artista, apesar da sua larga experiência nos domínios da Pintura Mural, ele não se deixou influenciar por est., antes procurou criar uma obra, no qual de forma alguma é desvirtuada a finalidade deste valioso elemento decorativo. Eis um exemplo que deve ser seguido por todos os pintores que vierem a realizar ensaios nos domínios da azulejaria.

ADRIANO VIEIRA SANTOS

O mais antigo, melhor e mais eficaz remédio
CONTRA A OBESIDADE, completamente
inofensivo, preparado pela CASA BOXBER-
GER, fundada em 1711 em Bad Kissingen.

KISSINGA

Nas boas Farmácias e nos depositários exclusivos:
Farmácia Teixeira Lopes & C.ª Lda.
R. Aurea, 154 ■ Tel. 24816 ■ Lisboa